

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UEMA CAMPUS ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

BRUNNO CAVALCANTE RODRIGUES

***A BOLSA AMARELA* de Lygia Bojunga Nunes: Uma análise dos problemas sociais na narrativa**

ITAPECURU MIRIM - MA

2024

BRUNNO CAVALCANTE RODRIGUES

***A BOLSA AMARELA* de Lygia Bojunga Nunes: Uma análise dos problemas sociais na narrativa**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras, com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas.

Orientador: Prof. Esp. Natanael Vieira

ITAPECURU MIRIM - MA

2024

BRUNNO CAVALCANTE RODRIGUES

A BOLSA AMARELA de Lygia Bojunga Nunes: Uma análise dos problemas sociais na narrativa

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras, com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas.

Aprovado em:19/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Natanael Vieira (Orientador)

Especialista em literatura brasileira e metodologia do ensino de língua portuguesa pela Faculdade venda nova do imigrante

Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^a. Me. Samira Diorena da Fonseca

Mestra em Letras pela universidade Federal do Tocantins

Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^a Esp. Maria Helena Nascimento Conceição

Especialista em literatura brasileira e metodologia do ensino de língua portuguesa pela Faculdade venda nova do imigrante

Universidade Estadual do Maranhão

Rodrigues, Brunno Cavalcante

A bolsa amarela de Lygia Bojunga Nunes: uma análise dos problemas sociais presentes na narrativa / Brunno Cavalcante Rodrigues. – Itapecuru Mirim, MA: UEMA, 2024.

TCC (Graduação em Letras Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus Itapecuru Mirim, 2024.

Orientador: Prof. Esp. Natanael Vieira.

50 f.

1. Bolsa Amarela. 2. Problemas sociais. 3. Desigualdade de gênero. 4. Opressão
I. Título.

CDU: 821.134.3

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus por me conceder a força e a perspicácia possível para concluir esta monografia. Agradeço também minha mãe, Eliane Cavalcante, pela constante dedicação e apoio durante todo o processo de pesquisa, escrita e revisão do trabalho.

Gostaria de expressar minha gratidão a Natanael Viera, meu orientador, cuja orientação e aconselhamento foram essenciais para o sucesso deste trabalho. Suas habilidades profissionais, dedicação e paciência foram inestimáveis, e me ajudaram a melhorar minhas habilidades de pesquisa e redação.

Aos professores e colegas, o meu agradecimento em especial, à Ana, Anny, Adriana, Amanda, Beatriz Martins, Cassandra, Elane, Nathalia Thais, Teciane e Sâmylla, que adicionaram conhecimentos, experiências e descobertas para melhorar o meu trabalho. Suas críticas e sugestões foram essenciais.

Gostaria de expressar minha gratidão às bibliotecas e instituições que me forneceram acesso a materiais e recursos de pesquisa essenciais. A base teórica que sustentava as minhas ideias dependia da qualidade e disponibilidade dessas fontes.

E, por fim, não poderia deixar de mencionar minha gratidão aos meus amigos Gustavo, Igor, Jheckson e Kayllane, que me forneceram suporte emocional durante esse período difícil. Suas palavras de encorajamento e incentivo me inspiraram a continuar avançando e superar os obstáculos que encontrei no caminho.

“Acho que ninguém é grande ou pequeno: somos diferentes. E acho que ninguém deve ser julgado pelo tamanho nem pelo peso, mas pelo valor.”

(Lygia Bojunga)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso concentra-se na obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes, é uma excelente narrativa que proporciona aos leitores uma profunda investigação dos problemas sociais presentes em sua narrativa. Nesta pesquisa, pretende-se explorar como a obra serve como instrumento de análise para questões como identidade, desigualdade de gênero e infância reprimida. A narrativa tem como principal personagem Raquel tratando sobre os seus desejos reprimidos, apresenta temáticas como o papel da mulher na sociedade, a desigualdade de gênero, as batalhas enfrentadas diariamente pelas crianças quando expressam suas emoções, etc. *A Bolsa Amarela* é um objeto utilizado por Raquel no qual ela cria diversos outros personagens a fim de encontrar um meio de expressar sua opinião, bem como realizar os seus sonhos reprimidos. Ao longo da pesquisa, ver-se-á uma análise de forma detalhada dos problemas sociais presentes na narrativa, buscando fazer uma reflexão e crítica sobre a realidade social. A pesquisa também pretende apresentar a obra *A Bolsa Amarela* como uma ferramenta relevante visando a compreensão e interpretação dos problemas sociais que ainda estão presentes no cotidiano. Por fim, a pesquisa busca demonstrar como a literatura pode servir como um espelho da sociedade. A trama é contada do ponto de vista de Raquel, uma garota que se sente incompreendida tanto em sua família quanto na sociedade. Por meio de suas experiências e das metáforas encontradas na obra, como bolsa amarela, a autora trata questões com os desejos reprimidos e a luta por autoaceitação, vale salientar que a “Bolsa” que a personagem carrega representa seus sonhos e desejos que não podem ser expressos de forma livre. Espera-se que este trabalho contribua não somente para conhecimentos acadêmicos, mas também para colocarmos em pauta temas que são essenciais na nossa sociedade.

Palavras-chave: *Bolsa Amarela*; Raquel; Problemas sociais; Desigualdade de gênero; Opressão.

ABSTRACT

A Bolsa Amarela by Lygia Bojunga Nunes is an excellent narrative that provides readers with a deep investigation of the social problems present in her narrative. In this research, we intend to explore how the work serves as an instrument of analysis for issues such as identity, gender inequality and repressed childhood. The main character of the narrative is Raquel, dealing with her repressed desires, presenting themes such as the role of women in society, gender inequality, the battles faced daily by children when expressing their emotions, etc. The Yellow Bag is an object used by Raquel in which she creates several other characters in order to find a way to express her opinion, as well as make her repressed dreams come true. Throughout the research, there will be a detailed analysis of the social problems present in the narrative, seeking to reflect and criticize social reality. The research also intends to present the work "A Bolsa Amarela" as a relevant tool aimed at understanding and interpreting social problems that are still present in everyday life. The research seeks to demonstrate how literature can serve as a mirror of society. The plot is told from the point of view of Raquel, a girl who feels misunderstood both in her family and in society. Through her experiences and the metaphors found in the work, such as the yellow bag, the author addresses issues with repressed desires and the struggle for self-acceptance. The bag that the character carries represents her dreams and desires that cannot be expressed freely.

Keywords: Yellow Bag; Raquel; Social problems; Gender inequality; Oppression.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 Sobre a autora: Ligya Bojunga Nunes.....	10
2.2 Lygia Bojunga Nunes: Seu lugar na historiografia da literatura contemporânea brasileira.....	12
3. ENREDO	17
4 PROBLEMAS SOCIAIS PRESENTES NA NARRATIVA	27
4.1 Análise dos problemas sociais com base na própria narrativa a <i>bolsa amarela</i>	31
5 METODOLOGIA	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a literatura é relevante para a evolução humana, isto por se tratar de uma prática que contribui para a formação do caráter e da personalidade. O seguinte estudo tem como propósito explorar a obra *a bolsa amarela*, mostrando sua relevância as questões sociais presentes na narrativa. A novela *A bolsa amarela* publicada pela primeira vez em 1976, da autora Lygia Bojunga, é um clássico da literatura infanto-juvenil. O enredo retrata a história de Raquel, uma criança que possui três desejos: crescer, ser menino e ser escritora. (Silva, 2018, p. 43)

Tratando-se da literatura, vê-se que é possível o leitor se envolver no contexto da trama, inserindo-se na realidade do personagem, vivendo suas emoções, identificando-se com o tempo, espaço e etc. Vale ressaltar que em virtude do hábito da leitura o indivíduo desenvolve as habilidades necessárias para uma boa compreensão e interpretação textual. Visto que as obras literárias são consequências de momentos acontecidos ao longo do tempo, ou seja, algo que o autor vivenciou, portanto, nas entrelinhas de cada obra, existe uma crítica ou um ponto de vista do autor. Às vezes, o autor levará em seu texto aspectos relacionados à sociedade, outras vezes à sua vida pessoal, quer seja amorosa, quer seja profissional.

Quando o leitor tem contato com a obra, à medida que vai lendo vai organizando as suas ideias, e a consequência disso é, na maioria das vezes, a mudança de sua concepção diante da sociedade, desse modo a literatura contribui para o processo de transformação social. Com base nas inferências, ressalta-se que esta pesquisa tem como finalidade analisar a obra literária *A Bolsa Amarela* da autora Lygia Bojunga, abordando os problemas sociais presentes na narrativa.

A delicadeza e simplicidade com que aborda os temas fazem com que as obras de Bojunga dialoguem facilmente com o imaginário infantil, pois suas narrativas estão repletas de fantasia, humor, encantamento e ludicidade, características que agradam e favorecem de forma prazerosa o desenvolvimento psíquico da criança. Considerando-se que na obra *A bolsa amarela* Lygia Bojunga apresenta situações que transitam entre o real e o irreal, o presente estudo visa em sua análise compreender como a autora conduz os acontecimentos extraordinários na narrativa para serem portadores de reflexões e novos olhares para o leitor, a partir de situações corriqueiras e cotidianas. (MELO; BRANDÃO, 2019, p. 65)

A narrativa conta a história de uma garota que objetiva procurar meios de se libertar de uma área na qual as normas exigidas pela sociedade permeiam constantemente. Ao longo da trama, a protagonista faz uso da *bolsa amarela* na qual serve como forma de fugir da realidade em que vive, na bolsa, a personagem deposita

toda a sua confiança utilizando-a para os seus desejos mais intensos, bem como para depositar suas frustrações.

Tendo em vista que a obra aborda uma série de questões sociais que, desde sempre, permeiam nosso cotidiano, a pesquisa tem por finalidade analisar essas questões de maneira crítica, buscando verificar as formas de superar as problemáticas encontradas pela protagonista Raquel. Com base nas questões abordadas, esta pesquisa se justifica pela riqueza de interpretações proporcionadas pela literatura infanto-juvenil.

De acordo com Padilha e Gomes (2005, p. 09), "A temática da obra centra-se nos conflitos infantis, como a dificuldade de conciliar o mundo infantil com o mundo adulto, exemplificado pelas críticas e censuras da família de Raquel à sua escrita."

No caso da obra *A Bolsa Amarela*, ela proporciona aos leitores uma oportunidade de não apenas vivenciar a história de fantasias retratada pela autora, mas também adotar um posicionamento crítico em relação a questões sociais. Como aponta Coelho (1993, p. 136), Lygia Bojunga é reconhecida pelo "ato de criar através das palavras".

Com base nos fatores apresentados, surgiu o seguinte problema de pesquisa: No livro *a bolsa amarela*, como os problemas sociais impactam na vida da protagonista e quais são esses problemas? Desta forma, a hipótese levantada é o quão Raquel, no desenrolar da trama, sente-se oprimida no meio social e no âmbito familiar, bem como se sente em uma posição sem direitos e liberdade, isto por ser mulher, ou seja, Raquel se encontra naquela comunidade machista, esta é uma das principais dificuldades presentes na obra. Busca-se fazer uma correlação entre a contemporaneidade até os dias atuais, visto que muitos problemas expostos na obra, que teve sua publicação há quase 50 anos, ainda estão presentes nos dias atuais.

A Bolsa Amarela, da autora Lygia Bojunga, é uma obra importantíssima da literatura infanto-juvenil brasileira. A narrativa retrata assuntos complexos de maneira simples e coerente. A obra serve como um excelente mecanismo para análise de problemas sociais, possibilitando debates sobre questões de identidade, desigualdade de gênero e opressão. A personagem principal, Raquel, vive em um ambiente onde seus desejos são totalmente limitados, criticando a sociedade que impõe papéis rígidos, especialmente às crianças e às mulheres.

Na obra, Bojunga enfatiza a busca por reconhecimento, e *a bolsa amarela* simboliza uma válvula de escape onde a protagonista enfrenta seus anseios e vontades reprimidas. Assim, o livro traz à tona questões sociais relevantes, permitindo

uma profunda análise das dificuldades enfrentadas por pessoas em processo de formação dentro de contextos socioeconômicos e culturais específicos. *A Bolsa Amarela* é uma valiosa ferramenta para a discussão e reflexão sobre os confrontos e as inúmeras possibilidades de metamorfose e crescimento intelectual, social e pessoal.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar os problemas sociais presentes na narrativa *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga Nunes fazendo uma relação com a atualidade, pois trata-se de uma obra em que aborda diversos fatores existentes na sociedade, como o machismo. Os objetivos específicos do estudo são identificar os problemas sociais presentes na obra, descrever os traumas adquiridos pela protagonista em decorrência dos problemas vivenciados por ela na narrativa e comparar as vivências da personagem na atual realidade dos jovens e adolescentes.

Vale destacar que a moral da história contada pela autora é centralizada na valorização da autoaceitação, da liberdade de expressar suas ideias, de ser quem é sem se preocupar com os julgamentos da sociedade. Outros aspectos abordados pela autora na narrativa é a criatividade, como é nítido através da protagonista Raquel na forma em que ela usa a sua imaginação para criar vários amigos que ajudem em seu processo de descoberta. A superação de limitações é um dos pontos que se deve frisar, pois Raquel enfrenta diversas dificuldades e limitações impostas pela sua família e sociedade.

Melo e Brandão destacam que:

A literatura como representação de mundo, mediada pela sensibilidade artística do escritor, é portadora dos anseios que circulam na sociedade à época da produção da obra. E de forma magistral Lygia Bojunga leva estas reflexões para o universo infantil, abordando de forma sensível, natural e lúdica para a criança, questões complexas de desigualdade de gênero, dos papéis atribuídos à mulher em uma sociedade patriarcal e conservadora, característica está ainda bastante visível na década de 70. (MELO; BRANDÃO, 2019, p. 67)

Dessa forma, esta monografia busca contribuir para os estudos da literatura infanto-juvenil como ferramenta de transformação social, evidenciando como *A bolsa amarela* é uma obra que desperta reflexões sobre os problemas sociais e incentiva a busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão dos fundamentos teóricos é essencial para uma análise aprofundada da obra e de suas implicações sociais. A seguir, veremos.

2.1 Sobre a autora: Ligya Bojunga Nunes

Lygia Bojunga Nunes, renomada escritora brasileira, nasceu no dia 26 de agosto de 1932, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ela é conhecida por suas belíssimas obras, dentre as quais a mais famosa é *A Bolsa Amarela*. Antes de iniciar sua carreira como escritora, Lygia trabalhou como atriz e também escrevia para televisão e rádio. Suas obras, voltadas para o público infanto-juvenil, apresentam críticas à sociedade (Laranja, 2009, p. 02).

Ao adentrar no capítulo "A Literatura e a Vida Social" do livro "Literatura e Sociedade" (2006), de Antonio Candido, percebe-se que o autor não busca apenas explanar teorias da arte e da literatura em seus diversos tempos. Segundo Candido, o estudo deste gênero até os dias atuais está incompleto, inacabado, devido a um grupo de "formulações e conceitos que permitam militar objetivamente o campo de análise e escapar tanto, quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista" (Candido, 2006, p. 27).

Antes de dedicar-se a escrita, Bojunga deu início à sua carreira como radialista e atriz. Com uma narrativa que relaciona elementos do mundo da fantasia, bem como da realidade, a autora produziu uma forma única de escrever a qual promove o estímulo e instiga a imaginação do público leitor. Vale destacar que a autora é uma das raras escritoras brasileiras que recebeu o importante prêmio Hans Christian Andersen, nos anos de 1982, considerado como o "Nobel" da área da literatura infanto-juvenil.

Coelho diz que:

"Tornando-se uma das vozes mais ricas da literatura questionadora de mundo que caracteriza o novo na criação literária, Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelecem entre o eu e o outro." (COELHO, 2006, p. 496)

Segundo Laranja (2009, p. 02) O trabalho de Lygia é destaque pela forma como ela trata sobre temáticas universais com uma intensidade que entoa tanto com o público infantil quanto com o adulto. A autora, nos dias atuais, ainda continua sendo grande influência na literatura infanto-juvenil, bem como na internacional, instigando leitores e escritores.

A escritora, por ser atriz, possuía grande relação com o teatro, e traduzia as peças teatrais, foi a partir daí que surgiu o seu encantamento pela escrita. A sua primeira obra foi publicada em 1972 da qual o gênero foi o infanto-juvenil. Com tudo isso, houve uma transformação na vida da escritora, que se mudou para Londres, em 1982, pois o seu marido vivia lá. Neste percurso, Lygia viajava frequentemente para o Rio de Janeiro. Um ponto interessante é que a escritora utilizava das suas próprias obras para transmiti-las não só através da escrita, mas através de encenação, isto em 1990.

Ao passar do tempo, após o reconhecimento de Lygia como escritora, em 2002, a autora instituiu a editora casa Lygia Bojunga, ou seja, nesta época, além de escrever os seus livros, a própria autora publicava-os. Em 2006, ela inaugurou a fundação cultural casa Lygia Bojunga, que tinha como finalidade o incentivo e apoio de livros e projetos referentes ao meio ambiente e a livros.

O primeiro livro da autora foi publicado em 1972 intitulada “Os Colegas”, vale lembrar que em 1971 a autora havia recebido um prêmio literário por esta obra, na época, ainda não publicada, esse prêmio foi entregue a autora pela sua participação no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro. Ademais, vários personagens são incorporados em determinadas situações que expressam a realidade, fazendo com que o leitor se veja dentro da obra e se identifique nas suas experiências.

Segundo Cademartori:

O mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco nas vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional. (Cademartori, p.64. 2006).

A autora costuma misturar elementos fictícios com representações da realidade do dia a dia, desenvolvendo realidades em que as vontades e emoções dos personagens são manifestados de forma mágica. Isso é notório na trama *A Bolsa*

Amarela uma de suas principais obras. Por meio da protagonista Raquel, a autora nos convida a refletir sobre as questões sociais que permeiam nossa realidade, despertando a consciência sobre a importância de se discutir e combater as desigualdades e injustiças vigentes na sociedade.

Conforme Zilberman (1987):

Os livros têm a capacidade de elencar valores aos jovens através da moral do entre do, equilibrando à literatura infantil um lugar para debater questões sociais, uma vez que a mesma exerce um papel crucial na formação dos jovens. As cronologias infantis usam animais como uma forma de representação para manifestar seu mundo interior, remetendo a sua forma física, conduta, princípios e associação humanas.

Na literatura infantil, é possível se deparar com a atuação do gênero feminino visto sempre como uma mulher frágil e indefesa. Nas crônicas infantis, as mulheres ganham representações passivas, esperando que os homens, ativos, as “salvem” e as possuam sem considerar seu livre arbítrio (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 64). Desde o início da literatura infantil, os contos de fadas representam princesas em perigo, esperando seus príncipes encantados para salvá-las e terem umas felizes para sempre.

No geral, a escritora aborda temáticas como liberdade de expressão, solidão, identidade e aceitação de gênero. De forma alguma a autora evita questões difíceis, muito pelo contrário, ela retrata com frequência em suas obras, proporcionando ao leitor uma correlação de real e ficcional ao mundo externo e interno.

Marcel Proust (2016) Relata uma leitura inovadora, usufruindo trancas sobrenaturais que permitem adentrar no interior e cada ser, dessa forma, é que Lygia Bojunga sensibiliza seu leitor sem fazer distinção de temáticas, pois sua literatura transborda a adjetivação que convém a qualquer leitor.

A leitura elimina o controle sobre o livro ou o autor, permitindo que o leitor se identifique com o texto. Embora o leitor escolha como interpretar o livro, é essencial que ele o compreenda como um todo, “aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro”. (COMPAGNON, 2010, p. 142).

2.2 LYGIA BOJUNGA NUNES: Seu lugar na historiografia da literatura contemporânea brasileira

Lygia Bojunga é um dos muitos autores que se destacaram ao dar voz aos jovens sobre seu papel na vida cotidiana, escrevendo de forma contundente, livre de

eufemismos e sem misturar conflitos ou classes sociais. O leitor tem a oportunidade de apreciar e experimentar as obras, não de forma impositiva ou formal, mas como uma proposta de diálogo em um fazer literário e artístico que se completa com ele.

A literatura de recepção juvenil traz um discurso que dialoga com outras manifestações textuais no conflito de vozes dessa sociedade, ou seja, ela não é um veículo à parte da sociedade, também está carregada de valores ideológicos e de conflitos sociais. (GREGORIN FILHO, 2011, p. 31).

Seu estilo de escrita, que mistura fantasia e realidade, permite que os leitores se identifiquem com os personagens e se envolvam emocionalmente com as histórias. Essa fusão de elementos realistas e fantásticos é uma marca registrada de sua obra.

Lygia Bojunga recebeu vários prêmios literários de prestígio, incluindo o prêmio Hans Christian Andersen (1982), considerado o Nobel da literatura infantil. Este reconhecimento internacional atesta a importância e a qualidade de sua contribuição literária. Além do Andersen, ela também ganhou o prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do Brasil, e outros reconhecimentos nacionais e internacionais, consolidando sua posição como uma das principais autoras da literatura infanto-juvenil do país.

A escritora é reconhecida por sua contribuição à literatura contemporânea. Sua obra é notável por abordar temas complexos de maneira acessível para jovens leitores, integrando questões sociais e culturais do Brasil. Bojunga começou a escrever nos anos 70, em um período de grande efervescência cultural e política no Brasil, e sua produção literária reflete as transformações e desafios da sociedade brasileira. Bojunga publicou seu primeiro livro quando ainda dominava a ditadura no Brasil, em 1972. As denúncias e a preocupação com a liberdade, contudo, vão além desse período crítico nacional e se estendem até as obras mais recentes (Laranja, 2009, p. 02-03).

A infância é o tema principal das histórias escritas pela escritora. Além disso, a violação clara dos limites entre realidade e fantasia em suas obras pode oferecer à criança um caminho para a maturidade e a busca de sua própria identidade, como relata Jacqueline Held: “dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrativas fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da realidade real-imaginário” (Held, 1980, p. 53).

Além de suas produções literárias, Bojunga também é reconhecida por sua contribuição teórica e crítica à literatura brasileira, ajudando a moldar a compreensão e valorização da literatura infantil no país. Sua obra é estudada e respeitada por

acadêmicos e críticos literários, garantindo-lhe destaque na historiografia da literatura contemporânea brasileira.

Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Fernanda Lopes de Almeida são alguns entre muitos nomes que construíram sua obra aliando o prazer da leitura a uma profunda preocupação social. Seus livros não estão aí para dizer como as crianças devem se portar. (Afinal, ninguém quer ver um dedo balançando na frente do rosto cada vez que abre as páginas de um romance.) Mas também não estão aí para fingir que não existe um mundo lá fora, onde as crianças e adultos são explorados. Enfim, são obras que respeitam o leitor, ainda que ele tenha apenas um punhado de anos. (DALCASTANGÉ, 2005, p.131-132).

Assim, é perceptível que, como Lobato, Bojunga também aposta em um Brasil melhor por meio das crianças e jovens, acreditando na capacidade crítica e criadora desses indivíduos, continua inovando e desafiando as normas impostas à época: “definitivamente, o didatismo, o moralismo e a submissão são marcas dos textos passadistas.”, onde não ocupam espaço na obra desta autora” (Silva, 2009, p. 137).

Portanto, destaca-se sua extrema importância para a literatura, especialmente no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira. A autora aborda temas complexos e relevantes, como morte, luto, liberdade, abuso, e injustiça social, de forma acessível para jovens leitores. Sua habilidade em tratar assuntos difíceis de forma sensível e respeitosa tem sido fundamental para o desenvolvimento da literatura infantil.

Segundo, Laranja (2009, p.03). “O jeito que ela escolheu agrada aos leitores de qualquer idade. Seus textos possuem linguagem simples, mas riquíssima, são cheios de humor, de fantasia e, ao mesmo tempo, de realidade e da possibilidade de reflexão”.

Ela é conhecida por seu estilo único, que mistura elementos de fantasia e realidade, permitindo que crianças e jovens explorem novas perspectivas e realidades através de suas histórias. Seu uso de linguagem poética criativa ajuda a envolver leitores de todas as idades.

Bojunga, cria livros que transmitem sua resiliência, como ela considera um meio de contribuir como reflexões sobre temas como o preconceito contra a mulher, infância e familiar, etc. De forma divertida e lúdica:

Os contos escritos por ela possuem suas divisões. Apresentando-se sempre separados, com pitadas de ficção e de realismo, a vista que as relatam partilham sua atenção no mundo interno dos atores e o meio social por onde se locomovem. Enxergando o interior dos personagens, o narrador compartilha seus medos, seus medos e vontades; abrindo os olhos para chamar o leitor a uma reflexão crítica sobre as relações sociais e afetivas do tempo em que vive. (SILVA, p. 135,2008)

Em *A bolsa amarela*, a autora usa uma linguagem crítica para criticar concepções e doutrinas. É possível ter acesso ao universo infanto-juvenil, nos

fazendo-o refletir e ao consultar. A autora encanta seus leitores, sejam eles jovens, adultos ou crianças. Considerar o que seria melhor procurar a construção e retornar a maneira de ver o ambiente. É importante que a participação seja eficaz, igual e respeitosa, para todos dentro da sociedade.

Suas obras são amplamente utilizadas em escolas e universidades, tanto no Brasil quanto no exterior. Seus livros não apenas entretêm, mas também educam, promovendo valores como empatia, solidariedade, e reflexão crítica. Lygia dá voz às crianças em suas histórias, respeitando e valorizando suas perspectivas. Isso tem um impacto profundo no reconhecimento da importância dos sentimentos e opiniões das crianças na literatura. A autora, com sua obra diversificada e influente, ocupa um lugar central na história da literatura contemporânea, moldando e inspirando gerações de leitores e escritores.

Cada livro da autora tem sua importância e significado, na obra “A casa da Madrinha” de 1978 Lygia retrata sobre a história de Alexandre, um garoto pobre que possui um grande sonho que é de encontrar a sua madrinha, um fruto de sua imaginação que ele acredita que irá ajudar a transformar a sua vida. A obra retrata temáticas como esperança, pobreza e a relevância de acreditar nos seus sonhos. Além de ter como objetivo analisar a influência que a leitura desempenha na formação de imagens pela mente humana. As imagens constituintes do imaginário são reconstituídas à medida que o processo da leitura se efetiva (Feba, 2005, p. 18).

Outro livro interessante da autora é a obra chamada “Angélica” de 1975, fala sobre uma menina que cresceu em uma fazenda e, no decorrer do tempo, passa por diversas aventuras desafiadoras. A obra aborda assuntos como a liberdade, natureza e o crescimento pessoal por meio das vivências da protagonista. Conforme Feba (2005, p. 18) Um grande destaque da literatura é o livro “Corda bamba” de publicado no ano de 1979, a obra fala sobre Maria, uma jovem que passou a vida no circo e precisou enfrentar uma grande batalha que foi lidar com a morte dos pais e conseguir seguir em frente e encontrar o seu lugar no mundo. Através de uma longa caminhada de muita introspecção, ela aprendeu a lidar com as suas emoções e enfrentar suas dificuldades que têm como símbolo a corda bamba do circo.

Já a obra “Os colegas” de 1972 conta a história de uma equipe de animais que possui um rato como líder, ele resolve construir uma comunidade na qual todos se ajudam. O livro aborda temas como amizade, a importância de trabalhar em equipe e a solidariedade (Feba, 2005, p. 22). Já a obra “O sofá estampado” de 1980 relata a história de um garoto chamado Lucas que se sente sozinho e acha conforto em um

sofá estampado que parece ganhar a vida. A obra aborda o pensamento infantil e a forma como as crianças lidam com a solidão e a necessidade de companheirismo.

Mais uma obra de destaque da autora é a “Seis vezes Lucas” de 1995 que trata de uma coleção de seis histórias que giram em torno do personagem Lucas, aborda diferentes aspectos de sua vida e seu crescimento. Cada história toca em temas como amizade, família, e as mudanças que ocorrem na infância e adolescência. As obras de Lygia Bojunga são marcadas pela sensibilidade e pela habilidade de tratar temas complexos de forma acessível, tornando-as atemporais e relevantes para leitores de todas as idades.

3 ENREDO

A bolsa amarela, de Ligya Bojunga, é uma obra que marcou a literatura infanto-juvenil, sua publicação ocorreu nos anos de 1976, nesta época, vale lembrar que o Brasil ainda estava vivendo a ditadura militar que teve início em 1964, é um dos fatores considerados importantes, pois, no desenrolar da trama, nota-se que a protagonista deseja ser aceita e livre.

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. (BOJUNGA, 1993, p. 12).

A história tem como protagonista central a Raquel, uma garota de apenas nove anos que enfrenta inúmeras dificuldades comuns da infância, exacerbadas por seus sonhos e desejos limitados e sua ânsia de ser ouvida e ter reconhecimento em um local em que suas aspirações são frequentemente negligenciadas. Raquel é a mais nova de um ambiente familiar que não dá atenção devida às suas necessidades e vontades. Ao sentir-se incompreendida e sozinha, ela encontra uma espécie de válvula de escape em sua fértil imaginação.

A personagem possui três grandes vontades que são ser adulta, ser um rapazinho e obter uma bolsa amarela. Essas vontades são guardadas em segredo e representam a sua batalha por libertação e identidade. Após ganhar essa *bolsa amarela*, Raquel a torna um objeto de magia em que ela guarda tudo, seus sonhos e seus segredos. No inferior da tira colo, ela guarda suas cartas, como também as suas vontades negligenciadas e vários personagens que ela inventou ao longo da trama como, o guarda-chuva Vitor, o galo Afonso e a Teresinha que é alfineteira. Essas figuras criadas por Raquel ganharam vida apenas em sua cabeça e passam a ajudá-la no enfrentamento dos seus medos.

“O personagem galo é o próprio desejo de liberdade, confiança e o querer mudar de vida que Raquel quer ter. O galo Rei que era “tomador de conta de galinha” em um galinheiro, decide fugir, mudar o nome para Afonso” (Silva, 2018, p. 48).

A temática da obra centra-se nos conflitos infantis, como a dificuldade de conciliar o mundo infantil com o mundo adulto, exemplificado pelas críticas e censuras da família de Raquel à sua escrita. A construção dos personagens é rica e detalhada, cada um representando diferentes aspectos das pressões e expectativas sociais que cercam Raquel. A partir das conversas com os amigos inventados: André e Lorelai, é

possível conhecer a personalidade em formação e a busca por identidade. Raquel tem conflitos internos e externos que são questionados por ela mesma. (Silva, 2018, p. 46). A evolução da trama revela o crescimento pessoal da protagonista, que, através de suas experiências e interações com personagens tanto reais quanto imaginários, aprende a afirmar sua identidade e a encontrar sua voz. Esses elementos narrativos permitem uma análise profunda dos problemas sociais abordados na obra, como a repressão dos desejos individuais e a luta por autonomia e expressão pessoal.

O livro *a bolsa amarela* retrata a história de Raquel, uma jovem garota que, naquele momento, considera-se meio perdida e afastada da família, pois esta não dar o apoio e compreensão devidos à Raquel. A garota demonstra isso em uma carta escrita para um amigo imaginário:

Querido André quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu de araque. “A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho.” Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou, não é? Um dia perguntei pra elas: “Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?” Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro. (BOJUNGA, 1993, p. 12).

Percebe-se que Raquel se sentia rejeitada e excluída pela família, e, como consta na carta que ela escreveu para o amigo, ela percebe que criança não tem liberdade de escolha e o seu desejo é se tornar adulta e menino, além de outro sonho que de se tornar escritora. Esses são os três desejos de Raquel, no entanto pelo fato de seus familiares não lhe apoiarem e, em alguns casos, debocharem das ideias de Raquel, ela prefere ficar calada e guardar esse segredo de seus entes. A protagonista se entristece e frustra-se com a rejeição das pessoas a sua volta, pois, embora sinta por parte da família que não tem a devida importância, ainda assim deseja ser aceita e conquistar a atenção dos irmãos e pais (Silva, 2018, p. 46).

A família da Protagonista era bem humilde, e sua tia Brunilda, de alta classe, mandava, com muita frequência, roupas e objetos usados para a família de Raquel, e foi dessas doações que surgiu a bolsa amarela. O lugar que Raquel encontrou para depositar todas as suas emoções e segredos foi nessa bolsa amarela que surgiu dentre os presentes que sua tia havia enviado, mas ninguém a valorizou, entretanto Raquel ficou admirada com aquela bolsa e resolveu pegá-la. “A bolsa amarela é a representação de toda a consciência de Raquel que ora oscila entre consciente, que é a realidade e sua condição de vida que estando em desacordo, reflete em seu inconsciente, onde todas as vontades reprimidas” (Silva, 2018, p. 47).

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. (BOJUNGA, 1993, p. 11)

A personagem tem três desejos que é um dilema em sua vida, mas não tem ninguém em quem confiar para desabafar tudo isso que passa em sua cabeça, e o presente da tia foi suma importância para a menina naquele momento, pois ela estava muito confusa com todos aqueles sentimentos retidos dentro de si, precisava de algo ou alguém que a tirasse daquele mundo no qual Raquel se sentia indiferente, em uma de suas falas ela diz que:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequeninha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. (BOJUNGA, 1993, p. 11)

Além de suas vontades, na *bolsa amarela*, Raquel esconde outros segredos e amigos imaginários. A partir disso, a garota inventa um mundo que é totalmente dela, cheio de fantasias e isto a ajuda a enfrentar os seus medos e a encoraja para realizar os seus sonhos. Naquela época, as crianças não tinham direito de expressão, as suas ideias não eram consideradas relevantes para a sociedade e família, elas não tinham direito de fazer as suas vontades como, por exemplo, comer da comida que tinham vontade. Através das aventuras com os personagens, Raquel descobre a si e ao mundo ao seu redor. Como já visto, ela enfrenta diversos conflitos internos e externos, como a dificuldade de aceitação da sua própria identidade e os enfrentamentos das expectativas que são impostas pela sociedade e sua família.

A obra também retrata a masculinidade tóxica da época, pois Raquel retrata em sua fala um ponto muito interessante: “Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto” (Bojunga, Ligya, 1976, p. 126), nessa fala, nota-se que Raquel preferia ter nascido garoto, isso por conta dos julgamentos da sociedade.

Portanto, a obra *A Bolsa Amarela* vem tratar de temáticas universais como, por exemplo, a identidade, fantasias e a liberdade de expressão. A narrativa também faz a exploração das dificuldades vivenciadas pelas crianças as quais não são compreendidas pelos adultos, além de retratar questões relacionadas a gênero, as dificuldades encontradas na sociedade por ser mulher.

O livro é frequentemente elogiado por sua abordagem sensível e inovadora. Ele incentiva os jovens leitores a valorizar suas próprias vozes e a lutar pelos seus sonhos, independentemente das dificuldades que possam enfrentar. A *Bolsa Amarela*

é um clássico da literatura brasileira que continua a inspirar e encantar leitores de todas as idades. Segundo Brandão e Melo:

“É neste sentido que as narrativas que lidam com o inverossímil exercem grande fascínio nas crianças: por serem uma fonte potencializadora de emoções e de ativação da fantasia no imaginário infantil, dadas as características inerentes à elaboração psíquica que as crianças apresentam em suas etapas iniciais de desenvolvimento” (BRANDÃO; MELO, 2019, p. 71).

Como visto no enredo apresentado, a autora, em sua obra, mostra um enredo que mescla fantasia à realidade seduz o leitor e o convida a entrar neste jogo de faz de contas, produzindo um efeito de sentidos que leva à tomada de consciência e à percepção crítica enquanto vão sendo narradas as peripécias da protagonista com seus amigos imaginários (Brandão; Melo, 2019, p.77). Ainda retrata fatos decorrentes da realidade e isso traz o valor de apresentar fatos relevantes sobre a mimese que faz parte da teoria literária e se originou na Grécia antiga, ela faz referência à imitação ou à representação da realidade na arte e na literatura. Muitos teóricos, ao longo do tempo, apresentaram e resinificaram a mimese, levando a colaboração para a vasta tradição de pensamentos sobre a temática.

Vale destacar que durante o renascimento, a mimese permaneceu sendo uma ideia central na teoria da arte. Havia a uma ânsia pela imitação da natureza e da vida humana com precisão e beleza por artistas e escritores. Um grande exemplo de autor muito famoso na arte, Leonardo da Vinci, reconhecia que a arte deveria basicamente imitar a natureza, mas também superando todas as suas limitações, capturando a essência da beleza e da harmonia. Rezende (2016, p. 44) Naquele momento, nas artes, adotaram-se a arte poética de Horácio, a poética de Aristóteles (redescoberta no século XVI com a edição de Aldo Manuzzio) e alguns diálogos de Platão como referenciais teóricos.

Já na época do romantismo, a mimese sofreu uma ressignificação para dar ênfase a expressão individual e a subjetividade. Neste período, os artistas e poetas românticos presumiam que a arte não precisaria unicamente imitar a realidade externa, mas também expor a realidade interna do criador, seus sentimentos e emoções.

Em pleno século XX, especialistas como Erich Auerbach e Mikhail Bakhtion ofertaram visões inovadoras em relação à mimese. Auerbach averiguou, em seu estudo “Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental”, de que formas as diversas culturas e épocas literárias fizeram a representação da realidade de maneiras distintas.

Um ponto interessante que o autor e teórico Aristóteles retrata sobre a mimese é que

Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado. Sinal disso é o que acontece na experiência: nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo (as representações de) animais ferozes e (de) cadáveres. Causa é que o aprender não só muito apraz aos filósofos, mas também, igualmente, aos demais homens, se bem que menos participem dele. Efetivamente, tal é o motivo por que se deleitam perante as imagens: olhando-as, apreendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas (e dirão), por exemplo: "esse é tal". (Aristóteles, 1952, linhas 4-20 de 1448 b, tradução da autora.)

Ou seja, a mimese vincula-se à essência humana, por isto a representação da realidade. Em se tratando de arte, ao olhar uma imagem, caso ela esteja retratando a reprodução do real, o público conseguirá fazer uma interpretação de que o autor utilizou desse processo em sua elaboração. Na literatura não há diferença, o autor basicamente representa uma história que aconteceu na vida real, entretanto, com os ajustes necessários.

Portanto, a autora Lygia Bojunga faz a exploração da mimese em sua trama através das experiências vivenciadas pela protagonista Raquel, garota que, como já relatado durante o enredo, passa por diversas dificuldades de aceitação pela sociedade e sua família. A trama é retratada de maneira a representar a realidade emocional da Raquel. Com isso, a escritora utiliza de vários elementos extraordinários como *a bolsa amarela*, um objeto mágico em que Raquel coloca os seus medos, sentimentos e vontades reprimidas.

A bolsa amarela é uma metáfora que a autora utiliza para a mimese das confusões internas que ocorrem com Raquel, simbolizada de forma imaginária, mas que apresenta a realidade em que as crianças se encontram, ou seja, sentem-se oprimidas por expectativas adultas.

A mimese também é manifestada na maneira como Lygia Bojunga faz o uso de elementos fantásticos a fim de refletir questões reais vivenciadas na infância e na adolescência. Por meio das aventuras da personagem Raquel, Bojunga explora assuntos como o papel da mulher na sociedade, bem como as batalhas contra as expectativas imputadas pela sociedade e a busca pela expressão de seus sonhos e sentimentos. A metamorfose dos anseios de Raquel através dos personagens e contextos fantásticos proporciona uma intensa e sensível exploração dos obstáculos desafiados pelas crianças na busca do seu lugar ao mundo.

Ademais, Lygia usufrui da perspectiva infantil com intuito de dar voz às inquietações e sensações das crianças, sentimentos que, na maioria das vezes, não são levados a sério pelos adultos. Por intermédio da narrativa de Raquel, o público leitor é convocado a refletir a respeito da importância de respeitar e valorizar os sonhos e desejos das crianças, provocando o seu reconhecimento como significativo.

Desse modo, Lygia Bojunga não só faz a imitação da realidade, mas também faz uma crítica ao questionar padrões sociais e encorajar a meditação a respeito da relevância da autoaceitação. Portanto, a obra faz referência à mimese ao criar um mundo em que as sensações e vivências de uma criança são apresentadas de maneira autêntica, provocando ao leitor uma reflexão a respeito de sua realidade.

Vale destacar uma cena que exemplifica a mimese presente na obra que é o momento em que ocorre a interação de Raquel com suas vontades personificadas, principalmente quando se trata de dois personagens específicos, o galo Afonso e o guarda-chuva, eles são a representação dos anseios reprimidos de Raquel, bem como a sua batalha por autonomia e expressão. O galo Afonso tem como significado o desejo da protagonista em crescer e ser ouvida, ao passo que o guarda-chuva representa liberdade e proteção.

Nessa cena, a personagem Raquel afronta as dificuldades impostas por esses personagens de sua imaginação, os quais refletem suas inseguranças e seus desejos. O relacionamento dela com essas figuras imaginárias caracteriza suas experiências e sensações de confrontação e vontade de autoafirmação. Quando a personagem enfrenta e soluciona esses conflitos internos, ela adquire força e sabedoria, além de compreender sobre si e o seu lugar ao mundo. Eis um diálogo de Raquel e o galo Afonso:

(...) o jeito de ser grande. E o homem então fez o Guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda. - Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande. - Você ficou mesmo contente, Raquel? - Contentíssima. - E aí virei pra Guarda-chuva e perguntei: - Por que é que você não queria ser grande, hem? O Afonso foi logo respondendo: - Porque ela adorava brincar, e gente grande tem mania de achar que porque é grande não pode mais brincar. Às vezes ela ficava louca pra experimentar crescer: só pra ver se era mesmo verdade: se quando a gente crescia a vontade de brincar sumia. Mas ela tinha medo de arriscar. Até que um dia tomou coragem e experimentou. (BOJUNGA, 1993, p.36).

Uma cena relevante em que há a presença da mimese é em um diálogo entre Raquel, Afonso e o guarda-chuva:

(...) - Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde você cismar de crescer? - Não sei pra que: ser pequena é uma curtição. Mas ele ficou cismado: - Às vezes a gente quer

muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer. - Será? - É bem capaz. A Guarda-chuva ficou pensando. Pensou bastante e depois resolveu: - Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande. E o homem então fez o Guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda. - Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande. (BOJUNGA, 1993, p.49)

Nesse diálogo, observa-se que a personagem Raquel faz o questionamento do desejo que tem em crescer, isso em razão de todas as situações vivenciadas por ela como a falta de apoio familiar e a pressão imposta pela sociedade.

3 PERSONAGENS

A obra *A Bolsa Amarela* da autora Lygia Bojunga é repleta de personagens os quais executam papéis consideráveis na vida da intérprete, Raquel. Agora, retratar-se-á os principais personagens da trama.

Realizamos uma discussão entre o corpus escolhido e as teorias apresentadas na fundamentação teórica. A história é contada em primeira pessoa pelo personagem principal e fala sobre uma criança que vive com adultos e sente que não há voz dentro da família. A perspectiva subjetiva do narrador permite que eles participem ativamente da narrativa. Braint (2017) afirma que escolher entre a primeira e a terceira pessoa da narrativa permite ao autor detalhar ou sintetizar a história, manipular o discurso e criar personagens completos. Raquel é uma personagem e também uma narradora, o que a permite participar e ter controle sobre o que está sendo dito.

Raquel: A principal personagem da história, uma garota que vivencia diversas emoções e se sente incompreendida e reprimida pela sociedade e por sua família. A menina tem suas vontades negligenciadas e deseja ser um garoto, crescer rapidamente e adquirir uma bolsa amarela cheia de magias, em uma de suas falas ela retrata que:

Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. Tinha árvore pra subir, rio passando no fundo, tinha cada esconderijo tão bom que a gente podia ficar escondida a vida toda que ninguém achava. (BOJUNGA, 1993, p. 05)

A protagonista reflete as batalhas internas vivenciadas na infância, ela se sente controlada pelas normas impostas pela sociedade. No decorrer da trama, a autora utiliza metáforas buscando relatar os seus desejos e medos. Ao longo da narrativa, a personagem aprende a lidar com suas desilusões e frustrações, além de expressar os seus sentimentos. Vale destacar que a bolsa amarela em que Raquel guarda suas vontades limitadas, representa o seu crescimento pessoal e emocional.

A bolsa amarela: apesar de não ser um personagem humano, o papel que a bolsa representa é de suma importância, pois é o lugar em que a protagonista Raquel guarda os seus segredos, desejos, sentimentos e emoções. A personagem relata que:

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não [...]pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades estavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas. (BOJUNGA, 1993, p. 9 e 10)

No decorrer da trama, Raquel descobre a bolsa amarela, é desse objeto que surgem personagens incríveis os quais a auxiliam no decorrer da trama. Por meio desse objeto, a protagonista tem interação com os seus desejos reprimidos, é um meio que ela encontra para aceitar e entender os seus sentimentos e vontades.

Galo Afonso: Esse personagem é um dos amigos da imaginação de Raquel, ele surge da famosa bolsa amarela. Afonso simboliza a força, coragem e determinação que a protagonista Raquel tanto almeja. Surgiu como manifestação das vontades reprimidas de Raquel e desempenha um papel primordial no processo de conhecimento de si mesma. Esse personagem serve como apoio emocional a Raquel e a ajuda a enfrentar os obstáculos encontrados no dia a dia.

Acordei de repente com um barulho esquisito. Olhei pra janela e vi o dia nascendo. Outra vez o barulho. Quase morro de susto: era um canto de galo; e ali bem perto de mim. [...] Espiei debaixo da cama, atrás da cadeira, dentro do armário - nada. Mas aí o galo cantou muito aflito: um canto assim de gente que tá presa e quer sair. "Tá dentro da bolsa amarela!" Abri a bolsa correndo. O galo saiu lá de dentro. (BOJUNGA, 1993, p. 114)

Guarda-Chuva: Mais um personagem que também sai da bolsa amarela de Raquel, ele simboliza o apoio e surge como um elemento de proteção a ela em todos os momentos de dificuldades sofridos pela protagonista.

Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda. - Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande. (BOJUNGA, 1993, p. 70)

Alfinete: O Alfinete auxilia Raquel a costurar e solucionar problemas práticos, ele, como os demais, também nasceu da bolsa amarela e representa a habilidade de encontrar soluções para tudo.

Como ninguém conhece o Alfinete de Fralda muito bem, eu acho melhor contar a história dele antes de continuar contando a minha: Um dia eu ia passando e vi o Alfinete caído na rua. Peguei, limpei, desenferrujei, experimentei a pontinha dele no meu dedo, vi que ela era afiada toda a vida: - Puxa! E ela começou a riscar na minha mão tudo que o Alfinete queria dizer: - Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: "pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo"; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim; mas nunca acontece nada. (BOJUNGA, 1993, p. 14)

Pais de Raquel: São retratados como as figuras de autoridade dentro de um lar, ao longo da história, a maioria da opressão que Raquel sente é por conta de seus pais. São símbolos de incompreensão com as emoções e desejos da filha. Eles representam a pressão social vivenciada por Raquel, simbolizam as normas impostas

pela sociedade. As ações dos seus pais a influenciam para a busca de sua autonomia, fazendo com que a personagem busque por soluções para os seus problemas.

Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo o mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto pra criança. E o pior é que esse negócio de emburramento em casa me dá uma aflição danada. Eu queria tanto achar um jeito de não dar mais bola pra briga e pra cara amarrada. Será que você não acha um jeito pra mim? (BOJUNGA, 1993, p. 01)

Margarida e Clara: irmãs da protagonista, elas representam as convicções de beleza e sucesso que a personagem sente, porém não consegue alcançar. Isso acaba estimulando o sentimento de inveja na protagonista. Os irmãos dela configuram a pressão familiar que ela sofre. São personagens que aparecem com muita frequência no decorrer da história, são conhecidos por não compreenderem as necessidades de Raquel.

Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu de araque. “A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho.” (BOJUNGA, 1993, p. 05)

Galo de briga: o personagem é primo do galo Afonso, ele surge ao longo da narrativa, mais conhecido como terrível, desde o seu nascimento, o objetivo era que o Terrível fosse um galo de briga.

- Terrível, vê se entende: eu não te vejo há séculos, tô com saudades tuas, tô louco pra saber o que é que você tem feito... - Tenho brigado. - Quero saber tintim por tintim da tua vida. - Tintim brigado tintim brigado. - Quantas brigas você já brigou? - Cento e trinta e três. - Quantas você já ganhou? - Cento e trinta. - Quando é que você perdeu? - Nas três últimas. - Por que é que você perdeu? - Perdi a última porque eu perdi a penúltima. - Por que é que você perdeu a penúltima? - Porque eu perdi a antepenúltima. - Mas por que é que você perdeu a antepenúltima? - Porque apareceu um galo mais novo e mais forte do que eu! Quer parar de fazer pergunta, quer! Mas o Afonso ainda fez umazinha: - Quando é que você vai brigar outra vez? Aí ele ainda ficou mais nervoso e gritou: - Sábado. E eu não posso perder, viu? Meus donos falaram que se eu brigo mal dessa vez ninguém mais aposta em mim; então eles não vão mais me defender; vão deixar o outro galo acabar comigo e pronto. (BOJUNGA, 1993, p. 55)

Todos os personagens, tanto reais como irreais ajudam a desenvolver o mundo de Raquel e fazem com que os temas como identidade sejam explorados.

4 PROBLEMAS SOCIAIS PRESENTES NA NARRATIVA

A narrativa de Lygia Bojunga conta com uma abordagem sensível e criativa de vários problemas sociais que são completamente relevantes na sociedade. É uma obra que foi publicada em um contexto histórico bem importante no país, a chamada “Ditadura militar” que durou entre 1964 e 1985, assim sendo, Lygia explora temas de repressão, desigualdade e luta pela liberdade que eram travadas pelas mulheres da época. Na obra é possível ver que Raquel tem a vontade de ser menino, a justificativa para isto segundo Cristófano (2011) está pelo fato de que:

O discurso da protagonista vem de encontro às preocupações e ao debate das mulheres na década de setenta, quando o movimento hippie tendo por ideal ideias de Betty Friedman, luta pela igualdade entre os sexos qualquer que fosse a sua raça, sexo ou cor. Pela voz de Raquel, a autora apresenta, do ponto de vista da infância, reflexões a respeito de uma sociedade patriarcal que trata a mulher como um “segundo sexo”. A vontade de ser menino só diminui Raquel quando ela se depara com uma família diferente na “casa dos consertos”. Um lugar em que os papéis sociais não são cristalizados e a questão da pluralidade identitária vem à tona. Os moradores dessa casa se alternam nas funções que, tradicionalmente, são atribuídas a homens e mulheres separadamente, ou seja, a homem cozinha, a mulher conserta panelas. (CRISTÓFANO, 2011, p. 06).

Considerada um grande clássico da literatura infanto-juvenil, *A bolsa amarela* que foi publicada pela primeira vez no ano 1976 e conta por meio de uma linguagem simples e cotidiana, a história de Raquel, uma menina que não gostava da sua condição na sociedade e tinha o desejo de ser menino, pois possuía muitas vontades reprimidas, o que fez com que Lygia conquistasse o leitor, pois embora seja uma obra voltada ao público infantil, consegue prender ainda, o leitor adulto, visto que trata de problemas sociais como: Repressão de vontades, Desigualdade de gênero, Pressão social e familiar, Busca por Identidade e Bullying.

Raquel, personagem principal da obra, como mencionado possui desejos e vontades que acabam sendo considerados impossíveis devido sua condição de mulher na sociedade em que vive, posto que na época as mulheres viviam reprimidas sob contínua dominação masculina tanto no ambiente social quanto familiar, ela, no entanto resistia a isso mesmo sabendo que na sociedade a mulher sempre estava sujeita a esse tipo de tratamento, mantidas sobre constante dependência da sociedade e dos homens, sobre isso, Beauvoir comenta:

Este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; [...] O cuidado dos filhos e do lar é ainda quase inteiramente suportado pela mulher. [...] Disso resulta que a mulher pode mais dificilmente do que o

homem conciliar a vida familiar com o papel de trabalhadora. No caso em que tal esforço é exigido dela pela sociedade, sua existência faz-se muito mais penosa que a do marido. (BEAUVOIR, 1970, p. 172).

Como afirma Beauvoir, o homem é aquele que tudo pode, e a mulher é aquela que deve servir, cuidar dos filhos e da casa, sem ter escolha a não ser conviver com sua condição imposta pela sociedade. Por esse motivo, Raquel queria tanto ser homem e poder realizar todos os seus desejos, já que somente os homens poderiam fazer aquilo que tivesse vontade. A luta para se livrar das amarras de uma sociedade machista era grande, assim como a busca por liberdade.

Portanto, é possível perceber todos os problemas sociais presentes na narrativa por meio do enredo, como supracitado, a repressão de vontades era um deles, onde Raquel, por diversas vezes tenta expressar seus sonhos e desejos para sua família, mas a mesma não dar o apoio necessário, um exemplo específico é no momento que reflete sobre seus três desejos, o de ser escritora, garoto e de crescer de forma rápida e ver que eles não iam entender, como expressa:

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar depressa um lugar para esconder as três: se tem uma coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim. (BOJUNGA, 1993, pág. 21).

Por isso, busca um lugar para esconder essas vontades:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida - ah - essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. (BOJUNGA, 1993, p.11).

Todos esses pontos demonstram a repressão de suas vontades. É uma menina que se sente reprimida em seus desejos, apesar de querer ser adulta, sua família sempre a trata como criança, e nega toda e qualquer oportunidade de se expressar e de tomar decisões, no seu desejo de ser escritora, não recebe nenhum incentivo da família, muito pelo contrário, apenas resistência, Raquel é uma menina que possui sua voz silenciada, que não é ouvida ou até mesmo levada a sério pelos seus familiares e pelas pessoas ao seu redor.

Além da repressão de suas vontades, há a desigualdade de gênero que é visto em vários momentos da narrativa, um reflexo do que muitas meninas e mulheres enfrentam. Durante a obra percebe-se a rebeldia de Raquel por ter suas vontades reprimidas, por isso ia contra todos os papéis tradicionais que eram impostos na sociedade, para ela as mulheres deveriam ter os mesmos privilégios que os homens,

poder fazer aquilo que lhe fosse de agrado, o que não era possível, a desigualdade era nítida, a mulher na época deveria seguir o que a sociedade determinava.

Em alguns trechos se nota o incômodo por ser uma menina e não um menino, já que tudo o que ela mais queria e gostava de fazer eram sempre proibidas exclusivamente por ser menina, o que não aconteceria se fosse homem, pois teria toda a liberdade para fazer o que desejasse.

Mas como não era menino e sim uma menina, sofria grande pressão social e familiar, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Ficaram todos me olhando. Esperando. Olhei meu pai pra ver se ele me salvava. Mas ele mandou recado de olho dizendo: "dança logo, menina! Puxa vida, eu tinha dançado outro dia porque eu estava contente, com vontade de dançar. Mas agora eu queria ficar quieta comendo amendoim, será que ninguém ia dizer: "deixa: ela não tá com vontade"? Esperei. Ninguém disse. Dancei. Pensando o tempo todo que eles não iam topa dançar pros outros sem vontade nenhuma. Eu suava que só vendo. Não era da dança, não. Suava de nervoso: será que eu ainda ia ter que fazer muita graça? (BOJUNGA, 1993, p.65).

Nesse momento, Raquel se viu pressionada a fazer algo que não queria, apesar de já ter dançado outra vez, naquele momento não estava se sentindo confortável e com vontade de fazer o mesmo, mas devido a pressão que recebeu teve que dançar mesmo contra sua vontade e enquanto dançava pensava nervosa no que ainda teria que fazer para os outros mesmo sem vontade nenhuma.

Deste modo, tudo o que Raquel queria era sua liberdade, já que enfrentava inúmeras restrições da sociedade e de quem mais deveria lhe apoiar e lhe proteger, sua família. Até encontrar a bolsa amarela e ver ela como um símbolo de sua "liberdade", a bolsa era o local onde guardava seus desejos proibidos, seus sentimentos reprimidos, o que simbolizava sua luta interna por liberdade e expressão, ainda escrevia cartas como maneira de libertação, onde expressava todas as suas emoções.

- **Repressão dos Desejos Individuais:**

A narrativa destaca a repressão dos desejos e aspirações de Raquel, refletindo a teoria de Sigmund Freud sobre a repressão, onde os desejos são suprimidos pela consciência devido às pressões sociais. Raquel enfrenta constantemente a desaprovação de sua família, que ridiculariza suas vontades de escrever e ser notada. Isso pode ser exemplificado quando ela esconde seus escritos na bolsa amarela, um símbolo de sua tentativa de preservar sua identidade e seus desejos reprimidos. A repressão é o mecanismo mental do inconsciente, e este (inconsciente) por sua vez consiste em ser a parte obscura da mente, um receptáculo onde guardamos nossas

lembranças traumáticas, impulso de ansiedade, tudo considerado para nós mesmo ou para quem nos cercam algo ruim (Silva, 2018, p.47).

- **Conflito entre Infância e Aduldez:**

O enredo retrata a história de Raquel, uma criança que possui três desejos: crescer, ser menino e ser escritora (Silva, 2018, p.43). A dificuldade de adequação do mundo infantil ao mundo adulto é central na obra. Pierre Bourdieu discute a violência simbólica, onde as normas e expectativas sociais são internalizadas e aceitas como naturais. Raquel sente-se pressionada a se conformar às expectativas dos adultos, muitas vezes internalizando essas normas e sentindo-se inadequada. A censura de sua escrita pela família ilustra como as estruturas sociais tentam moldar a criança para que ela se encaixe nas normas estabelecidas.

- **Busca por Autonomia e Expressão Pessoal:**

A jornada de Raquel em “A Bolsa Amarela” reflete a teoria de Erik Erikson sobre a formação da identidade, especialmente durante a fase de desenvolvimento infantil. Raquel luta para encontrar um equilíbrio entre suas próprias aspirações e as expectativas impostas pela sociedade. Conforme Silva (2018, p.46) Raquel via que todos que conseguiam se sobressair em suas aspirações seriam os homens. Sua evolução na trama mostra sua busca por autonomia e expressão pessoal, o que é essencial para o desenvolvimento saudável da identidade, conforme Erikson propõe em seu modelo de desenvolvimento psicossocial.

Exemplos Específicos da Narrativa

A Bolsa Amarela: Este objeto se torna um símbolo central da narrativa, representando a contenção dos desejos de Raquel e sua tentativa de encontrar um espaço onde possa ser verdadeira consigo mesma. O fato de ela esconder seus desejos na bolsa destaca o conflito interno entre seus sonhos e a realidade imposta pela sociedade adulta. A fantasia é o elemento essencial para mediar o mundo interno da criança com a realidade que a cerca (Brandão; Melo, 2019, p.67).

Personagens Fantásticos: Os personagens imaginários, como o galo e o alfinete, simbolizam diferentes aspectos de sua personalidade e suas lutas internas. Eles ajudam Raquel a entender e a enfrentar os desafios que surgem de suas interações com o mundo adulto. Esses personagens oferecem um alívio cômico, mas também um meio de Raquel explorar seus sentimentos e desejos de forma segura.

Na obra de Lygia Bojunga, a protagonista Raquel e as personagens secundárias, o galo Afonso, a Guarda-chuva e o Alfinete de Fralda, são do tipo individualidade, pois representam o ser humano com toda a sua subjetividade e contradições. (PADILHA; GOMES, 2005, p.11)

Interações com a Família: As críticas constantes de sua família, como quando sua tia censura sua escrita, ilustram a repressão social que Raquel enfrenta. Essas interações refletem a pressão para se conformar e abandonar seus desejos, mostrando como as estruturas familiares podem reforçar normas sociais limitantes. Para Padilha e Gomes (2005, p. 12) As dificuldades de adequação do mundo infantil ao adulto, são um dos principais conflitos existentes na obra.

4.1 Análise dos problemas sociais com base na própria narrativa *A BOLSA AMARELA*

- **Desigualdade de Gênero e a Infância reprimida**

Lygia Bojunga como supracitado aborda muitos assuntos pertinentes na sociedade, em *A Bolsa Amarela*, esses assuntos são apresentados por meio da personagem principal Raquel. Uma menina que, desde o início da narrativa fica claro o quanto luta por sua liberdade e igualdade de gênero, carregando consigo inúmeras vontades dentro de uma *bolsa amarela*, presente de sua tia. Ela enfrenta preconceitos específicos por ser menina, sendo muitas vezes desencorajada a perseguir seus sonhos e talentos.

- Toma Raquel, fica pra você.

Era a bolsa.

A bolsa por fora:

Era amarela. Achei isso genial: pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: Às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato. Ela era grande; tinha até mais tamanho de sacola do que de bolsa. Mas vai ver ela era que nem eu: achava que ser pequena não dá pé A bolsa não era sozinha: tinha uma alça também. Foi só pendurar a alça no ombro que a bolsa arrastou no chão. Eu então dei um nó bem no meio da alça. Resolveu o problema. E ficou com mais bossa também. Não sei o nome da fazenda que fez a bolsa amarela. Mas era uma fazenda grossa, e se a gente passava a mão arranhava um pouco. Olhei bem de perto e vi os fios da fazenda passando um por cima do outro; mas direitinho; sem fazer bagunça nem nada. Achei legal. Mas o que eu ainda achei mais legal foi ver que a fazenda esticava: "vai dar pra guardar um bocado de coisa aí dentro" (BOJUNGA, 1993, p. 27).

Raquel faz do presente de sua tia um local para guardar todas as suas vontades que são reprimidas por sua família e pela sociedade da época, sonhos e emoções são guardadas dentro da bolsa como forma de expressar aquilo que sente posto que sua voz não é ouvida por ser uma mulher, lidando com toda a frustração e sensação de não pertencimento, nem mesmo a família apoiava seus sonhos, para eles deveriam ser seguido o que mandava a sociedade e não levava a sério aquilo que desejava, o que fica claro em uma conversa com seu irmão, onde diz:

É o seguinte: eu resolvi que eu vou ser escritora, sabe? E escritora tem que viver inventando gente, endereço, telefone, casa, rua, um mundo de coisas. Então eu inventei o André. Pra já ir treinando. Só isso. Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade. Fiquei pra morrer: - Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo. - Guarda essas idéias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. (BOJUNGA, 1993, pág. 17)

Isso demonstra ainda, o bullying que sofre de seu irmão e também suas irmãs, os quais a todo momento procuram meio de desvalorizar e desprezar sua pessoa, suas vontades e sonhos. Bullying esse que é percebido no decorrer da narrativa, principalmente dentro de casa e na escola, onde na escola não se encaixava nas expectativas de comportamento para meninas e assim acabava sendo zombada e excluída pelos amigos.

Como pode ser percebido, Raquel sonha com muitas coisas que na época não era possível realizar por ser do sexo feminino, o que leva a criar um universo interno completamente rico e cheio de imaginação para conseguir viver com suas próprias emoções e tentar fugir um pouco da realidade a qual pertence. Neste sentido, a bolsa se torna um completo meio de refúgio, onde consegue guardar todos os seus desejos, emoções, raiva, tristeza, etc.; sem que haja nenhum tipo de repreensão ou julgamento por parte da sociedade.

Ao perceber que as coisas podiam ser diferentes, os estereótipos negativos cedem a novas visões de mundo, a novos valores. É desta forma que a vontade de ser menino e ser adulto vai desaparecendo e Raquel vai reavaliando que ser mulher e ser criança (em uma única palavra – ser menina) podia ser bastante gratificante, o que fortalece a sua identidade feminina (BRANDAO; MELO, 2019, p.76).

Sexo é um assunto de ordem política devido às relações de poder envolvidas. Os modelos políticos convencionais, que negam um espaço individual e restringem a política apenas à esfera objetiva, são o motivo para o movimento feminista. A palavra feminista mostra as conexões entre pessoas e tenta organizar a política pública, além da natureza subjetiva da opressão e dos aspectos emocionais. Os elementos de poder e hierarquia entre homens, mulheres e outras categorias compõem essas relações. Em todas as esferas da vida, seja em casa, no trabalho ou em outros ambientes, as mulheres se esforçam para reconstruir esses relacionamentos, valorizar a feminilidade e reconsiderar e reconstruir sua identidade de gênero sem se conformar com padrões hierárquicos. É crucial avaliar as qualidades masculinas e femininas como componentes integrantes do ser (Alvez & Pitanguy, 1985).

Com todos os seus desejos e emoções guardados, Raquel sente que preserva a sua essência assim como os seus sonhos, sem deixar com que as influências externas acabassem com o que tinha de mais bonito dentro de si. Para ela, a bolsa conseguia organizar tudo aquilo que sentia e ainda ajudava a compreender melhor todas as suas emoções de um jeito mais saudável, ajudando a processar tudo o que passava e o que sentia, assim como no seu crescimento emocional.

Em base, Raquel possui uma grande insatisfação com a vida que leva, principalmente com as expectativas e limitações que eram impostas pela sociedade a sua volta, sociedade essa que as convenções de gênero eram bem rígidas e as mulheres eram criadas para seguir padrões e comportamentos, enquanto os homens eram livres e podiam fazer tudo aquilo que lhe fosse de interesse, por esse motivo em uma determinada passagem da narrativa, Raquel relata que seu maior desejo é querer ser homem, como chega afirmar em uma conversa com seu irmão:

Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher [...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pra brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. [...] É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. [...] Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina (BOJUNGA, 1993, p.16).

Essa enorme vontade de Raquel querer ser homem se dar devido ao fato de como as mulheres desse período eram tratadas, as quais viviam em um lugar subalterno e sem nenhum direito, cheio de limitações, totalmente ao contrário dos homens, como já enfatizado anteriormente.

Tatiana Tiburi, em sua obra intitulada “Feminismo em Comum”, discute sobre essa situação, onde as mulheres sofriam todo tipo de restrição desde a educação até a participação política, onde só eram colocadas em papéis secundários dentro da sociedade, demonstrando a completa subordinação na qual viviam, contexto esse de grande entendimento para o desejo que Raquel possuía em ser homem, onde ela não apenas queria escapar das expectativas limitadoras e estereotipadas associadas às mulheres, mas sobretudo, almejava a liberdade. Tiburi (2018):

[...]as pessoas são obrigadas a desempenhar papéis a partir de signos que são administrados e manipulados, como se fossem caixas que põem as coisas em um lugar no qual é mais fácil dominá-las. Neste momento, as exigências de desempenho que pesam sobre as mulheres são imensas, e elas não têm muita chance, mesmo quando aderem à ideologia meritocrática. As mulheres serão constantemente preteridas e talvez, de antemão, nem se

coloquem em disputa com um homem, porque já se acostumaram a um lugar subalterno e negativo nessa ordem. (TIBURI, 2018, p.61).

Tiburi, reafirma o lugar subalterno das mulheres. E assim, fica nítido que no momento que Raquel expressa o desejo de ser homem, além de desafiar todas as normas de gênero impostas a si própria e as outras mulheres, faz uma crítica ao sistema patriarcal que marginaliza as mulheres. A vontade que possui de ser homem é usada como forma de resistência e busca por identidade, onde consiga mais autonomia, o que visivelmente é negado às mulheres do período. Assim, todas as vontades e resistência de Raquel, juntamente com seu maior desejo é visto como uma resposta a todas as injustiças e desigualdade enfrentadas por todas as mulheres da época.

Já que apesar de ser criança, Raquel se revolta com esse lugar no qual a mulher é colocada, em que o que é de menino é de menino e o que é de menina é de menina, ou seja, uma sociedade de identidades definidas, ficando a mulher sempre em uma posição subalterna no meio social, e o homem como quem tem maior liberdade, liberdade esta que Raquel não tinha apenas por ser mulher, e isso cada vez mais reacende sua vontade de ser homem na narrativa, o que pode ser percebido através de sua fala, onde diz:

Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe para as brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem ser chefe de família: sempre é o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 1993, p. 16).

Raquel nesse momento desabafa sobre as injustiças e limitações para as mulheres em comparação aos homens. Pode-se perceber que ela claramente observa e se incomoda com a liderança somente dos meninos nas brincadeiras, para ela, tanto um menino quanto uma menina poderia ser líder, ou seja, terem os direitos iguais, e isso sem dúvida nenhuma reflete a expectativa social de que os homens devem ser os líderes tanto nas brincadeiras quanto dentro da família, já que o mais visto até os dias de hoje, são homens os “chefes de família”.

Menciona ainda as brincadeiras que gosta, mas que não pode brincar devido serem consideradas “brincadeiras de menino”, como; soltar pipa, jogar bola, etc.; isso

nada mais é do que uma ilustração de como as normas eram rígidas em questão de restringirem as atividades de acordo com o gênero, o que cada vez mais ressalta a inferioridade e frustração, já que as mulheres não eram encorajadas a nada, a não ser a realização dos serviços de casa, considerado “coisa de mulher”, ficando totalmente das tarefas e profissões que não se encaixavam ao seu gênero, ou seja, ao gênero feminino, demonstrando de forma constante a grande desigualdade de gênero.

Assim, percebe-se que a protagonista se sente infeliz e, de certa forma, injustiçada por todas as vontades que possui não serem realizadas, principalmente a de ser escritora, profissão que seus pais não apoiavam de jeito nenhum por ser uma profissão que era exercida por homens, isto por ser uma menina/mulher que vive em uma sociedade machista e subalterna. Essa frustração estava relacionada ao fato de as mulheres não terem o direito de realizar suas vontades intelectuais e criativas.

Dessa forma, além de ser considerada um refúgio para seus desejos como já ressaltado, a bolsa amarela atua ainda como um símbolo de libertação e de desconstrução dos estereótipos presentes no contexto social em que vive. É possível perceber o surgimento de alguns personagens significativos de dentro da bolsa, personagens estes que contrastam com a realidade conhecida por Raquel, uma realidade que ela questiona ou até mesmo não concorda ou aceita.

Um desses personagens trata-se do galo Afonso, que surge de surpresa e inexplicavelmente, e passa a conversar como se fosse um ser humano com a protagonista, o que é visto em determinado momento da narrativa quando este surge para ela.

Acordei de repente com um barulho esquisito. Olhei pra janela e vi o dia nascendo. Outra vez o barulho. Quase morro de susto: era um canto de galo; e ali bem perto de mim. [...] Mas aí o galo cantou muito aflito: um canto assim de gente que tá presa e quer sair. “Tá dentro da bolsa amarela!” Abri a bolsa correndo. O galo saiu lá de dentro. — Puxa, se você não abre essa bolsa eu morria sufocado. Tinha pedido pro fecho ficar meio aberto pra eu poder respirar, mas ele acabou dormindo e fechou. — Voou pra janela, aterrissou na beirada, e ficou respirando fundo. (BOJUNGA, 1993, pág. 33)

Ao se deparar com essa cena, diz: “- Eu estava de boca aberta: nunca tinha visto um galo usando máscara. E ele usava. Preta. Tapando a cara todinha. Só dois furos pros olhos. Ele andou de um lado pro outro na beirada da janela” (Bojunga, 1993, pág. 33).

Assim, nesse contexto, o galo Afonso entra como um personagem inovador para aquele período, e que por sua vez, acaba questionando tudo o que Raquel questiona; a dependência feminina e a desigualdade de gênero existente, em especial a submissão das mulheres e a meiguice esperada por elas. Assim, Afonso, adquire

um posicionamento crítico contra os padrões que exaltavam o homem, ou melhor, a superioridade masculina.

Na obra, é possível perceber que Afonso não é um galo comum, onde geralmente os galos são considerados os chefes dentro do galinheiro e são respeitados por isso, o que não condiz com Afonso, ele não gostava dessa condição, para ele os direitos deveriam ser iguais tanto para homens quanto para as mulheres e era totalmente contra o ato da dominação, onde apenas uma das partes manda e a outra não possui outra opção a não ser obedecer.

Vivia dentro de um galinheiro onde sua presença era a única masculina e era considerado o chefe de 15 galinhas, o que para ele não era o certo e queria que elas participassem ativamente e igualmente das tarefas que até então ficava apenas ao seu dispor, como é perceptível:

Então eu chamei minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas as noite e dia. Mas elas falaram. “Você é nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente”. Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir perguntar: “Eu posso? Você deixa?” E eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve você como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (BOJUNGA, 1993, pág. 35 e 36)

Essa fala do galo Afonso ressalta o quanto a figura masculina era superior a feminina, o quanto o homem tinha o poder de mandar e desmandar e ser visto como algo normal na época. As mulheres não tinham voz e muitas se acostumavam com essa condição de submissão e repressão, como é metaforizado através das galinhas, quando estas pedem sua opinião para tudo e quando lhe mandava fazer aquilo que queriam acabavam ficando mal chegando até mesmo a morrer.

Afonso e outros personagens que vão surgindo de dentro da bolsa, só ressalta as ideias de Raquel, por isso se sente tão bem com sua Bolsa Amarela, onde conseguiu aprender muito com tudo o que lhe ela lhe proporcionou e ainda lhe proporcionava, porém no decorrer da narrativa Raquel vai então adquirindo sua identidade feminina, algo que se fortalece em um determinado momento que ganha uma guarda-chuva mulher, isto devido o próprio guarda-chuva ter escolhido ser mulher e não homem:

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido – perguntou: Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então

fez um guarda-chuva menor que um guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta muito de usar (BOJUNGA, 1993, p.48).

A partir desse momento, juntamente com outras questões vivenciadas, Raquel vai percebendo que ser mulher não é ruim, apenas o lugar em que é colocada e tratada na sociedade patriarcal. Lugar esse em que há subalternização, opressão e machismo com a figura feminina, por essa razão queria tanto ser um menino, apenas pela “liberdade” que teria visto que o homem não sofria com tais problemas sociais:

Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar. Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu: - Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde você cismar de crescer? - Não sei pra que: ser pequena é uma curtição. Mas ele ficou cismado: - Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer. - Será? - É bem capaz. A Guarda-chuva ficou pensando. Pensou bastante e depois resolveu: - Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande. E o homem então fez o Guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda. - Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande: - Você ficou mesmo contente, Raquel? - Contentíssima. (BOJUNGA, pág. 49)

Raquel continua pensando e falando:

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. As aulas começaram de novo. Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pro Afonso:
 — Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.
 — Por que?
 — Falaram que era coisa de garoto.
 — Ué!
 — Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa? O Afonso topou. Comecei a juntar as coisas que precisava: linha, tesoura, um vidro de cola. Pedi uns trocados pra minha mãe e fui na papelaria comprar uma de papel, fino. (BOJUNGA, 1993, p. 109).

A casa dos concertos possui também um papel muito importante na narrativa e na percepção de Raquel, onde lá ela percebe que nos serviços, não existe um chefe, como era acostumada a ver dentro de casa e na sociedade, já que era algo imposto pelo povo da época, como já enfatizado. Lá, todos os serviços e decisões eram

realizados de forma conjunta, incluindo as crianças, onde não eram vistas como pessoas sem voz, o que ressalta um valor completamente diferente do que Raquel conhecia.

Outro morador da bolsa de Raquel, o alfinete de fraldas, apresenta uma residência para menina. Onde concerta-se tudo, até mesmo guarda-chuvas. Quando ela adentra a "Casa dos concertos", percebe que há uma família diferente. a casa foi dividida em quatro partes distintas, e em cada uma delas havia um membro da família, Lorelai, sua mãe, seu pai e seu avô. Raquel fica encantada ao perceber que todos trabalham juntos, o pai, mãe, filha e avô. Sem um líder, eles podem auxiliar mutuamente e atribuir responsabilidades específicas a cada membro. Ao ouvir o toque do relógio, as funções são trocadas de forma espontânea e alegre.

O único lugar onde o avô é representado na obra de Lygia (1976, p. 99) é na Casa dos Consertos. Sendo um homem que colabora, aprende e troca funções com outras pessoas. Membros do grupo familiar: " Seu avô está estudando atualmente?" Velho desse jeito? Tive uma conversa muito animada com ela na época; apenas um que falava, e todos os outros pareciam entendê-la. Ele só é apenas visto como mais velho, mas seu pensamento é sempre novo. O avô, presente no texto analisado por Deiró (1978), é visto como uma pessoa autônoma da família, morando sozinho em um sítio, aguardando a chegada de seus netos, é servido por empregados, isento de problemas financeiros ou avanço da idade.

As funções são trocadas de forma espontânea e alegre ao ouvir o toque do relógio e todos fazem isso se divertindo e dançando, cada um possui um ponto de vista diferente, considerado relevante na família da casa dos concertos, diferente da estrutura familiar padrão dos livros didáticos. Todos trabalhavam em conjunto para resolver conflitos considerados importantes. São perceptíveis que a ideologia dominante na época era que as famílias precisavam de uma figura que liderasse, geralmente o pai:

- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe? - Chefe? - É o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô? - Mas pra que que precisa chefe? [...] - Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve? - Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. (BOJUNGA, 1976, p. 99)
Eu aceitei correndo. E perguntei pra menina: - Como é que você se chama, hem? - Lorelai. (BOJUNGA, 1993, pág.100)

Essa família é inovadora, é o exemplo familiar almejado por Raquel, uma família que considera relevante a participação de todos que dela fazem parte, seja criança, velho ou adulto. Neste momento, Raquel percebe que ela por ser mulher não

estava limitada a fazer apenas algo que a sociedade machista enfatizava, mas que podia fazer o que fosse de sua capacidade, de poder escrever e se tornar a escritora que sempre quis ser, de poder brincar de qualquer brincadeira, etc. Uma liberdade almejada pela protagonista desde o início da obra, e que lhe parecia inalcançável devido a todos os problemas sociais que enfrentava:

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. (BOJUNGA, 1976, p. 109)

Raquel está atraída e interessada em entender como é viável que essa família se reúna de forma tão única, com pai, mãe, filha e avô colaborando juntos e se apoiando mutuamente, sem ter um chefe ou um depois para cada membro. A personagem começa a se aceitar, e a "Casa dos arranjos" é a primeira etapa da desconstrução da personagem; após essa etapa, a jovem Raquel passa a se reconhecer como tal.

4.2 O florescer de Raquel

Nos trabalhos de Bojunga, o oceano é constantemente encontrado, tanto na etapa luminosa quanto na etapa cinzenta. No primeiro representa a libertação, progresso e tranquilidade, enquanto no segundo representa morte e escuridão, De acordo com: Silva (2008):

Vimos que na fase luminosa a imagem do mar era realçada em seus aspectos positivos de purificação e de renascimento pela proximidade de outras imagens conotativas de útero. O mar, então, correspondia ao âmnio, ao "mar interior", como queria Freud. (p. 152)

Uma das fases reluzentes de Bojunga inclui a Bolsa Amarela, e isso é confirmado pela evolução da protagonista na praia, próximo ao mar. Depois de familiarizar-se com a "Casa dos concertos", Raquel começa a ter outra percepção, que existem diversas formas de se fazer como mulher e como família.

O desejo de ser menor deixa de sentir-se assim quando a menina entende que uma moça pode assumir responsabilidades e participar da sociedade e da família. A vontade de ser adulta vai deixando de existir porque, mesmo quando criança, ela é pode ter criatividade, pensar e formular sua própria opinião. Aderir aos seus desejos e se sinta satisfeita consigo mesma como ela é:

Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel. - Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha. O Afonso ficou no maior espanto: - Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela? - Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram

se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: "claro, ué". (BOJUNGA, 1976, p. 114)

Junto com seus desejos, os inquilinos, da bolsa também anseiam em conhecer o mundo a fora, e é com o soprar da brisa que Afonso encontra o ideal que tanto buscava: "Seguirei firme na estrada da vida, batalhando contra todos aqueles que tentarem impor a mim e aos mesmo meus ideais" (Bojunga, 1976, p. 94). Afonso leva com ele a Guarda-chuva mulher.

O único desejo que permaneceu com a protagonista foi o de ser literata. Ao buscar esse objetivo, ela mostra a força do gênero feminino, onde uma mulher pode ser cheia de ideias e usufruir um papel significativo como literária. Deixar os desejos fluírem, indica que a menina está aprendendo, como ser mulher e não precisa esconder de ninguém, seus sonhos e ambições: "A bolsa amarela tava vazia à cabeça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve" (Bojunga, 1976, p. 115).

Desprender os sentimentos é como renascer das cinzas, e o desenlace foi a transformação da protagonista após sua retirada da infância. Para alcançar essa mudança, foi essencial o extensor da criação desse horizonte fantástico elaborado pela menina. O Alto aceiteamento foi o grande passo na luta da sua redenção.

5 METODOLOGIA

A monografia A obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes como instrumento de análise sobre os problemas sociais presentes em sua narrativa" utilizou uma abordagem qualitativa e interpretativa, com a análise de conteúdo como base. Para aprender sobre os principais problemas sociais abordados pela autora, o primeiro passo foi leitura completa da obra "A Bolsa Amarela". Sendo a mesma uma narrativa para crianças e jovens que aborda de forma profunda e delicada os problemas sociais que afetam a sociedade. O objetivo desta pesquisa é examinar como a autora usa a história da protagonista Raquel para investigar questões como bullying e machismo. Para isso, foram usadas algumas obras de referência da psicologia infantil e da literatura infanto-juvenil, para crianças e jovens como base teórica.

1. Revisão da literatura

Esta seção revisou a literatura sobre o tema proposto com o objetivo de encontrar uma base teórica que ajude na análise das questões sociais abordadas na obra. Foram revisados livros, artigos e teses sobre temas como bullying e machismo, além de obras sobre o papel da literatura na educação. Uma análise textual detalhada, focando nos elementos narrativos, construção de personagens e desenvolvimento da trama. Este método permite uma compreensão profunda da narrativa e dos dispositivos literários utilizados por Lygia Bojunga para transmitir temas complexos.

Ao analisar a construção dos personagens e a evolução da trama, é possível identificar como os conflitos de Raquel refletem questões sociais mais amplas.

2. Análise do trabalho

Durante esta fase, a obra *A Bolsa Amarela* foi examinada cuidadosamente para descobrir contextos em que problemas sociais como são retratados. Foram apresentadas e examinadas as cenas centrais em que essas questões são discutidas, com ênfase nos discursos e perspectivas dos personagens. Identificação e interpretação dos temas principais da obra, como conflitos infantis, desigualdade de gênero, repressão dos desejos individuais, infância reprimida e busca por autonomia. A análise temática é crucial para destacar os problemas sociais abordados na obra. Este método facilita a identificação dos temas centrais e sua relação com a experiência da protagonista, permitindo uma análise mais estruturada e detalhada dos problemas sociais.

3. Debate e conclusão

Serão discutidos a partir da análise da obra sobre como a autora aborda e problematiza os vários problemas sociais abordados na narrativa. Será discutido como essas circunstâncias podem afetar as vidas das crianças e quão importante é abordar tais temas na literatura para crianças e jovens. Será também discutido como a autora abordou essas questões de maneira delicada e compreensível para o público infanto-juvenil. A aplicação de teorias sociológicas oferece um contexto teórico para a análise dos temas, permitindo uma interpretação mais rica e fundamentada dos conflitos e questões sociais.

Ao final da monografia, serão apresentados os resultados da análise de "A Bolsa Amarela". Serão destacados os tópicos pertinentes e a importância dessa análise para a compreensão dos problemas sociais na literatura infanto-juvenil. Além disso, porque a obra aborda questões importantes sobre o desenvolvimento das crianças, ela deve ser usada como um recurso valioso para discussão e reflexão em sala de aula.

A metodologia aplicada nesta pesquisa é o estudo bibliográfico, pois, para o embasamento desta pesquisa, serão utilizados diversos artigos de que tratam desta temática, bem como o a própria obra da autora Ligya Bojunga, em que de acordo com Andrade (2010):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na

apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

A análise da obra será feita de forma minuciosa, trazendo aspectos sociais da realidade à época do livro, comparando-a com a atualidade

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga como pode ser percebido durante todo o trabalho aqui apresentado, trata-se de uma narrativa emblemática, onde destaca de forma sensível e profunda vários problemas sociais por meio da protagonista Raquel, uma criança de apenas 9 anos de idade. Destacando a complexidade e a profundidade da obra, bem como sua relevância para o público infantil e juvenil. Através da análise dos conflitos internos da protagonista, Raquel, e de suas interações com os personagens e o ambiente ao seu redor, foi possível perceber como a autora aborda questões de identidade, liberdade e expressão dos desejos e sentimentos.

Aparentemente simples, a obra infanto-juvenil é capaz de trazer à tona muitas questões consideradas complexas como a opressão, desigualdade de gênero, bullying, repressão de sonhos e desejos, submissão etc.; dentro da narrativa é possível perceber que Raquel é uma garota que convive diretamente com a opressão, sofrida sobretudo dentro do seu ambiente familiar, ambiente que deveria lhe dar todo apoio e assistência possível, porém constantemente sofre com a falta de compreensão dos adultos, onde desconsideram todas as suas vontades e sentimentos. Além de ter uma gama de achados importantes como a identidade e crescimento, onde retrata a jornada de alto conhecimento da personagem, que lida com suas vontades reprimidas. A fantasia e realidade, essa mistura entre elementos fantásticos e reais serve como ferramenta para explorar os conflitos presentes na narrativa. Assim como a crítica social que traz consigo em todo o enredo, de maneira sutil, críticas como à estrutura familiar tradicional e às expectativas impostas pela sociedade.

Neste sentido, este é um cenário que reflete uma realidade de muitas famílias, em que as crianças não tem voz e são vistas como seres inferiores comparadas aos adultos. Toda a falta de espaço de Raquel para expressar seus anseios mais

individuais simboliza a repressão que grande parte das crianças enfrentam ao serem completamente obrigadas a se conformar e colocar em prática expectativas sociais e familiares rígidas.

A obra, como mencionado aborda muitas questões de suma importância na sociedade e todas questões pode ser visto através de Raquel. A desigualdade de gênero é um desses problemas, que apesar de ser tratado de forma sutil, é muito eficaz. Em vários momentos se nota as vontades de Raquel sendo reprimidas, uma dessas vontades é de ser escritora, um sonho que no contexto em que vive é considerado impraticável, isto por ser uma mulher, o que detalha a limitação imposta às mulheres em diversas esferas sociais, onde seus desejos e sonhos são frequentemente minimizados ou até mesmo ridicularizados pela sociedade.

Sem poder realizar aquilo que deseja, Raquel resiste a tudo aquilo que o meio ao seu redor impõe. Essa resistência em deixar de lado seus sonhos, é visto como uma forte mensagem sobre a importância da perseverança e da luta contra as barreiras de gênero, a qual a todo instante é visto dentro da narrativa.

Além de todos os problemas já mencionados, ainda pode ser encontrado o bullying, que é notado em certos momentos da obra, onde Raquel sofria por parte de seus colegas e até dos irmãos por não concordar com papéis pré estabelecidos por gênero. A repressão de desejos é outro, onde entra a participação da famosa bolsa amarela que ela encontra e decide carregar todas as suas cargas emocionais e sonhos reprimidos. Através dessa metáfora da bolsa amarela, se ilustra como muitas crianças são forçadas a esconder seus verdadeiros sonhos e vontades apenas para se adequar a algo externo.

Raquel, passa, no entanto, por uma grande jornada em aceitar e compreender seus próprios desejos, o que representa a busca por sua própria identidade e liberdade, enfatizando a importância de se manter fiel a si próprio.

Ainda podemos retirar bons frutos para as práticas educacionais. Professores podem usar *A Bolsa Amarela* para estimular nos alunos a habilidade de interpretar textos de maneira crítica, identificando temas subjacentes e relacionando-os com suas próprias experiências. A obra oferece uma oportunidade para discutir temas como identidade, liberdade, e a importância de expressar sentimentos e desejos. Essas discussões podem ser facilitadas através de atividades em grupo, debates e projetos interdisciplinares. Através da identificação com Raquel, os alunos podem desenvolver maior empatia e compreensão das dificuldades enfrentadas por seus pares, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e solidário. E para estudos futuros

poderiam comparar *A Bolsa Amarela* com outras obras de literatura infantil e juvenil que abordam temas similares, investigando diferentes abordagens e suas eficácias. Investigar como a leitura de obras como a de Lygia pode influenciar a formação de identidade e a auto expressão em crianças e adolescentes. Explorar como obra foi adaptada para diferentes mídias (teatro, cinema, televisão) e como essas adaptações mantêm ou transformam os temas e mensagens originais da obra.

Em suma, *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga é uma obra rica e multifacetada que oferece inúmeras possibilidades para exploração acadêmica e prática educacional. Sua leitura não só enriquece o repertório literário dos jovens leitores, mas também contribui para seu desenvolvimento pessoal e social, promovendo uma reflexão profunda sobre a liberdade de ser e a importância de sonhar. É uma narrativa que não apenas conta a história de uma menina e seus sonhos, mas sobretudo traz uma crítica social contundente sobre a opressão, desigualdade de gênero, bullying, repressão dos desejos e importância da autoaceitação. Portanto, através de toda trajetória de Raquel, Lygia Bojunga, reflete sobre a importância de ouvir e valorizar as vozes das crianças, assim como respeitar as individualidades de cada um e lutar contra todas as injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M., & Pitanguy, J. (1985). **O que é feminismo**. <https://bds.unb.br/handle/123456789/514>
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.
- BRANDÃO, Saulo; MELO, V. **O inverossímil como parte do cotidiano mágico no universo infantil**. In: Etunes romanes de Brno. Vol.40, nº 2, 2019, p. 65-78.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CADERMATOR, Lygia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de simbolismo**. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Jose Olympyo, 2017.
- CRISTÓFANO, Sirlene. **O itinerário simbólico em A bolsa amarela de Lygia Bojunga**. Dissertação de Mestrado em estudos literários, culturais e interartes, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, FLUP Porto, Portugal.
- COELHO, Nelly. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 6º ed. São Paulo: Ática, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. 5.ed. Ver. Atual. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- DANTAS, Eliane. **A Bolsa Amarela**. Histórias em mim, 2019. Disponível em: <https://www.historiasemmim.com.br/2019/11/23/a-bolsa-amarela/> Acesso em 08 de novembro de 2023.
- FEBA, Berta. **Os colegas, de Lygia Bojunga Nunes: Um estudo da recepção no ensino fundamental**. Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá – MARINGÁ-PR, 2005. p.150.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora: Melhoramentos, 2011.
- HELD, Jacqueline. **O imaginário do poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Sumus, 1980.
- LARANJA, Michelly. **Identidade Marginal na literatura para crianças e jovens: Os personagens de Lygia Bonjunga**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras – São José do Rio Preto, 2009. 111f.
- MALQUIAS. **A representação feminina em “a bolsa amarela” e sua contribuição para a formação de leitores críticos/reflexivos**. Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Volume 26 - Edição 110/. 22/05/2022.
- MATOZO, Livro para crianças, assunto de gente grande, a condição da família em A Bolsa Amarela.2014.

Marcel Proust; trad. Pedro Tamen. - Lisboa: Relógio d'Água, 2016. - 321, [2] p.; 22 cm. - (Em busca do tempo perdido; 7) (Clássicos para leitores de hoje; 8). - Tit. orig.: Le temps retrouvé. - ISBN 978-989-641-664-5.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

PADILHA, Juliana; GOMES, A. **Sabendo o quê e como falar para crianças de um jeito inteligente**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano III. N 06 – julho de 2005. MARILIA – SP.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura (seguido do depoimento de Celeste Albaret a Sonia Nolasco-Ferreira)**. Trad. De Julia Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

REZENDE, Samuel. **Ao redor do conceito mímesis**. Revista ao pé da letra – volume 18.2 – 2016. P. 30-51.

SOUZA, Warley. **Lygia Bojunga**. Mundo Educação, 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/lygia-bojunga.htm> Acesso em 09 de novembro de 2023.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cênone Editorial, 2008.

SILVA, Sara. **Entre fios, costuras e simbologias: Uma análise de a bolsa amarela**. Revista Interdisciplinar do IFMT. Ano 4 – 6ªed (jan/jun de 2017) v.1, n 6.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Ver. Atual. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. UNES, Bojunga Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro, 1993.

Zilberman, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987. Artigo de jornal.